

RECURSO DE PORTUGUÊS

PROVA AMARELA – QUESTÃO 19

PROVA VERDE – QUESTÃO 18

PROVA ROSA – QUESTÃO 16

**COMO PREENCHER O APÊNDICE DE RECURSO – COPIAR ESSAS INFORMAÇÕES
PARA**

ESCREVER NO APÊNDICE DO RECURSO:

PROCESSO SELETIVO: SMV-PR-2025

PROFISSÃO/ESPECIALIDADE: Colocar a profissão que esta concorrendo e se tiver alguma especialidade acrescentar também.

PROVA (Disciplina/cor): Prova objetiva de Língua Portuguesa de cor (colocar a cor da sua prova)

Nº DA QUESTÃO RECORRIDA: Colocar o número da questão referente a sua cor de prova

RESPOSTA DO GABARITO: A

RESPOSTA DO VOLUNTÁRIO: colocar a sua resposta.

FINALIDADE DO RECURSO: ALTERAÇÃO DE GABARITO

FUNDAMENTAÇÃO DO RECURSO

O texto é um excerto do romance "Por parte de pai", de Bartolomeu Campos de Queirós, recortado em diversas partes na sua adaptação para a prova. Composto por 12 parágrafos, apresenta a descrição de quadros da infância de um menino cujas memórias ambientam a cena de maneira subjetiva com lugares, objetos e sensações, apresentando o cenário e os personagens para que, ao final, possa contar uma das interações que teve com seu avô.

Afirma Othon Moacyr Garcia que *"a matéria da narração é o fato"* e segue dizendo que *"em síntese, toda narrativa consiste numa sequência de fatos, ações ou situações que, envolvendo participação de personagens, se desenrolam em determinado lugar e momento, durante certo tempo."* O excerto apresentado não apresenta uma "sequência de fatos e ações", tampouco o que se apresenta se desenrola em um lugar e momento. O texto apresenta-se como um recorte de lembranças que caracterizam o ambiente, os personagens e o cotidiano de sua infância.

O relato singular de episódio do texto é a conversa que o menino tem com o avô, quando este lhe fala sobre o tempo. Este é o único fato efetivamente narrado e é introduzido a partir do 9º parágrafo. Nos oito parágrafos anteriores, o narrador ambienta a cena e introduz os personagens, descrevendo-os subjetivamente, resultando em *"uma impressão singularizante da coisa descrita, isto é, do quadro, que é a matéria da descrição"*, nas palavras do professor Othon.

E a descrição desse quadro prova-se pelas próprias escolhas verbais: do parágrafo 1 ao 8 utiliza-se exclusivamente o pretérito imperfeito, tempo característico da criação de cenários nas construções textuais que, segundo Celso Cunha, de maneira clara e direta, é usado *"quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevemos o que então era presente"*, exatamente o que faz o autor do texto nesses parágrafos, em que descreve o bairro, a rua, a vida simples, o cheiro do café, a venda, o córrego, as atitudes cotidianas do avô, o chiqueiro, enfim, as memórias da época passada.

Como a questão pede a tipologia textual predominante, não há dúvida que a maior parte do texto descreve uma época passada, presente nas "memórias de infância do menino", corroborando com o gabarito de outra questão da própria prova, que afirma ser esse o propósito do texto. Ora, se o propósito do texto são as memórias de infância— apresentadas embasadas em pretérito imperfeito, em conformidade com o uso que Celso Cunha descreve, a "matéria" do texto é o quadro, sendo, portanto, um texto predominantemente descritivo.

Desta forma, pede-se a alteração do gabarito para alternativa (B), adequada ao texto e às relações nele construídas.

BIBLIOGRAFIA QUE EMBASOU A ARGUMENTAÇÃO

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2017.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

(SEGUEM, EM ANEXO, AS CÓPIAS DAS PÁGINAS DE INTERESSE)

3.0 Parágrafo de descrição e parágrafo de narração

3.1 Descrição literária

Descrição é a apresentação verbal de um objeto, ser, coisa, paisagem (e até de um sentimento: posso descrever o que *eu* sinto; cf. 5. Ord., 1.3 — “Definição”), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos seus traços predominantes, dispostos de tal forma e em tal ordem (ver a seguir 3.1.2), que do conjunto deles resulte uma impressão singularizante da coisa descrita, isto é, do *quadro*, que é a *matéria* da descrição.

A exatidão e a minúcia não constituem sua primordial qualidade: podem até representar defeito. A finalidade da descrição (estamos nos referindo à descrição *literária*) é transmitir a impressão que a coisa vista desperta em nossa mente através dos sentidos. Ela é mais do que fotografia, porque é interpretação também, salvo quando se trata de descrição técnica ou científica (ver 8. Red. Téc.).

Descrição miudamente fiel é, como em certos quadros, uma espécie de natureza-morta. Portanto, o que é preciso é captar a alma das coisas, ressaltando aqueles aspectos que mais impressionam os sentidos, destacando o seu “caráter”, as suas peculiaridades. É preciso saber selecionar os detalhes, saber reagrupá-los, analisá-los para se conseguir uma *imagem* e não uma *cópia* do objeto. É preciso mostrar as relações entre as suas partes para melhor compreendê-lo no seu conjunto e melhor senti-lo como impressão viva. Para conseguir isso é preciso saber observar, é preciso ter imaginação e dispor de recursos de expressão.

Mas recurso de expressão não significa obrigatoriamente vocabulário exuberante ou requintado. Pode-se dizer quase tudo com um acervo de palavras até mesmo corriqueiras (veja-se o exemplo de Machado de Assis), desde que se disponha de alguma imaginação para associações de ideias e sua expressão em linguagem figurada, sobretudo metáforas e metonímias, tropos que revivificam e multiplicam o vocabulário. Veja-se o que faz Eça de Queirós, servindo-se de um vocabulário rotineiro, mas com muito espírito de observação seletiva:

O caminho para além da ponte alteava entre campos ceifados. As medas lourejavam, pesadas e cheias, por aquele ano de fartura. Ao longe dos telhados baixos dum lugarejo, vagarosos fumos subiam, logo desfeitos no radiante céu (...) Uma revoada de perdizes ergueu voo de entre o restolho. (...)

duas janelas, uma cômoda antiga, embutida, com ferragens lavradas, recebera sobre o seu mármore rosado o devoto peso de um Presépio, onde Reis Magos, pastores de surrões vistosos, cordeiros de esguedelhada lã se apressavam através de alcantis para o Menino, que na sua lapinha lhes abria os braços, coroado por uma enorme Coroa Real. Uma estante de madeira enchia outro espaço de parede, entre dois retratos negros com caixilhos negros; sobre uma das suas prateleiras repousavam duas espingardas; nas outras esperavam, espalhados, como os primeiros Doutores nas bancadas de um concílio, alguns nobres livros, um Plutarco, um Virgílio, a Odisseia, o Manual de Epicteto, as Crônicas de Froissart. Depois, em fila decorosa, cadeiras de palhinha, muito novas, muito envernizadas. E a um canto um molho de varapaus.

(Queirós, 1901, cap. IX)

O quadro aqui não é a paisagem externa mas o *ambiente*: a “sala imensa”, onde Jacinto “arranjara um centro de repouso e de estudo”. Trata-se, como se vê, de parágrafo iniciado por tópico frasal. Ao descrever a sala, o autor lhe assinala apenas os traços característicos — móveis e pertences —, mas sem se deter demoradamente em nenhum deles. Seria descabido alongar-se na descrição detalhada de cada uma das peças do mobiliário — da cômoda, por exemplo —, particularizando em demasia os seus aspectos em prejuízo do conjunto. Todavia, se o julgasse necessário, poderia fazê-lo em parágrafo à parte, pois a ideia-núcleo, expressa no tópico frasal, é a sala e não a cômoda. Os mais graves defeitos de estrutura de parágrafo decorrem, na maioria dos casos, dessa falta de equilíbrio e proporção entre as duas partes, dando-se realce ao que é secundário ou pondo-se no mesmo plano da ideia principal outra, subordinada. Eis aí a razão por que o autor não entrou em minúcias ao se referir à cômoda, anotando-lhe apenas um ou dois detalhes caracterizadores: “antiga, embutida, com ferragens lavradas” e “seu mármore branco”. (Ver em “Redação Técnica, 1.3”, outros aspectos da descrição.)

3.2 Narração

3.2.1 A matéria e as circunstâncias

A matéria da narração é o *fato*. Tal como o *objeto* (matéria da descrição), tem igualmente sentido muito amplo: qualquer acontecimento de que o homem participe direta ou indiretamente.

O relato de um episódio, real ou fictício, implica interferência de todos ou de alguns dos seguintes elementos (personagens, fato e circunstâncias; rever 1. Fr., 1.6.2):

3.2.4 Tema e assunto

A matéria do enredo é o *tema*, que, por sua vez, resulta do tratamento dado pelo autor a determinado assunto. Por exemplo: a escravidão, como fonte de situação dramática, constitui um assunto, mas o seu aproveitamento no romance de Bernardo Guimarães (*A escrava Isaura*) e no de Harriet Beecher Stowe (*A cabana de Pai Tomás*) transforma-o em *tema*, pois diversa é a interpretação que lhe dá cada autor, diverso é o comportamento das personagens, diverso é o conflito entre protagonista e antagonista.⁸

3.2.5 Situações dramáticas

Em síntese, toda narrativa consiste numa sequência de fatos, ações ou situações que, envolvendo participação de personagens, se desenrolam em determinado lugar e momento, durante certo tempo. As circunstâncias e motivações da atuação das personagens e a configuração dos seus conflitos e antagonismos constituem *situações dramáticas*. Polti (1948), baseado no estudo do enredo de grande número de narrativas, identificou 36 situações dramáticas, de que damos aqui apenas as que nos parecem mais típicas: *crime praticado por vingança, peregrinação, regresso (do herói), empresa temerária, rapto, enigma, rivalidade, imprudência fatal, julgamento errôneo, vitória, derrota, libertação, autossacrifício, perda e reconquista (de pessoa ou de coisa), ambição, conflito íntimo, remorso*, etc. Antes dele, entretanto, já Vladimir Propp, em *Morfologia do conto* — estudo sobre o conto popular russo, cuja 1ª edição data de 1928, mas que, fora do círculo restrito dos especialistas, só se tornou conhecido no Ocidente através da 1ª ed. em inglês,⁹ em 1958 — apontara 31 “funções” da narrativa (popular), algo equivalente mas não exatamente correspondente a essas situações dramáticas de Polti: *ausência, interdição, violação, decepção, submissão, traição, mediação, partida (do herói), regresso, prova, luta, vitória, peregrinação, libertação, empresa difícil, reconhecimento, revelação do traidor*, etc. As “funções” acabaram sendo o termo consagrado pelos adeptos da semântica estrutural, sobretudo Greimas e Todorov (cf. Greimas, 1966:172 e segs.; Todorov (1966c).

3.2.6 Variedades de narração

O fato relatado pode ser *real* ou *ficção*. A história do gênero humano, a biografia de um herói, a autobiografia, uma reportagem policial constituem relatos de

⁸ Cf. Lewis 1958:101-102.

⁹ *Morphology of the folktale* (Propp, 1958).

Pretérito imperfeito

A própria denominação deste tempo — PRETERITO IMPERFEITO — ensina-nos o seu valor fundamental: o de designar um fato passado, mas não concluído (*imperfeito* = não perfeito, inacabado). Encerra, pois, uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos, razão por que se presta especialmente para descrições e narrações de acontecimentos passados. Empregamo-lo, assim:

1.º) quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

Debaixo de um itapicuru, eu **fumava**, **pensava** e **apreciava** a tropilha de cavalos, que **retouçavam** no gramado vasto. A cerca **impedia** que eles me vissem. E alguns **estavam** muito perto.

(Guimarães Rosa, *S*, 216.)

O frio **ia aumentando** e o vento **despenteava** o cabelo de ambos.

(M. J. de Carvalho, *AV*, 104.)

2.º) para indicar, entre ações simultâneas, a que se estava processando quando sobreveio a outra:

Falava alto, e algumas mulheres acordaram.

(M. Torga, *V*, 183.)

Quando se **aproximava** a Noite para me servir o sono, meteram-me num conflito...

(A. M. Machado, *CJ*, 165.)

3.º) para denotar uma ação passada habitual ou repetida (IMPERFEITO FREQUENTATIVO):

Se o cacique **marchava**, a tribo inteira o **acompanhava**.

(J. Cortesão, *IHB*, II, 178.)

Quando eu não a **esperava**, e ela **aparecia**, o coração **vinha**-me à boca, dando pancadas emotivas.

(L. Jardim, *MP*, 36.)

4.º) para designar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes:

